



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DE ENGENHARIAS E CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA



LUCIANA VANESSA ANSELMO SAMPAIO

GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS: 15 ANOS DE TRAJETÓRIA E LUTA

RIO LARGO, AL

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DE ENGENHARIAS E CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE AGRONOMIA**

GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS: 15 ANOS DE TRAJETÓRIA E LUTA

LUCIANA VANESSA ANSELMO SAMPAIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Agronomia, do Campus de Engenharias e Ciências Agrárias, da Universidade Federal de Alagoas - *Campus CECA*, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Agrônomo.

Orientador: Prof. Dr. Jakes Halan de Queiroz Costa

RIO LARGO, AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus de Engenharias e Ciências Agrárias
Bibliotecária Responsável: Myrtes Vieira do Nascimento

S192g Sampaio, Luciana Vanessa Anselmo.
Grupo agroecológico craibeiras: 15 anos de trajetória e luta / Luciana
Vanessa Anselmo Sampaio – 2020.
58 f.; il.

Monografia de Graduação em Agronomia (Trabalho de Conclusão de
Curso) - Universidade Federal de Alagoas, Campus de Engenharias e
Ciências Agrárias. Rio Largo, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Jakes Halan de Queiroz Costa

Inclui bibliografia e anexos

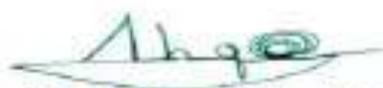
1. Formação Profissional. 2. Movimento Estudantil. 3. Agroecologia.
I. Título.

CDU: 631.95

LUCIANA VANESSA ANSELMO SAMPAIO

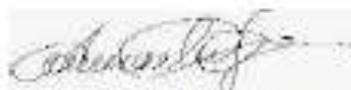
GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS: 15 ANOS DE TRAJETÓRIA E LUTA

**Trabalho de conclusão de curso submetido a banca examinadora do curso de Agronomia, do Campus de Engenharias e Ciências Agrárias (CECA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Data de Defesa: 29 de junho de 2020.
Resultado: Aprovado**



**Prof. Dr. Jakes Halan de Queiroz Costa – Universidade Federal de Alagoas
Orientador**

Banca Examinadora:



**Profa. Dra. Tania Marta Carvalho dos Santos – Universidade Federal de Alagoas
Examinador Interno**



**Prof. Cicero Adriano Vieira dos Santos – Universidade Federal de Alagoas
Examinador Interno**



**Eng. Agrônomo, Clayton Santos Silva (PPG-PRODEMA/UFPE)
Examinador Externo**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me iluminado e me abençoado, por ser o bálsamo da minha vida em todos os momentos. Destaco o nome de uma mulher em meus agradecimentos: MARIA JOSÉ ANSELMO DA SILVA, por sido minha fonte de inspiração, amor, força, resistência e persistência durante minha trajetória de vida, assim como diz a bela canção de Milton Nascimento: “Maria, Maria, é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. “Minha Maria é minha querida avó materna que tanto contribuiu para a mulher que me tornei, a ela meus intensos agradecimentos, minhas conquistas e trajetória é também dela.

Agradeço aos meus pais: Arlehi Anselmo Sampaio e Josivan Silva Sampaio, por independente do que for sempre estar ao meu lado, pelas lutas que juntos conquistaram ao longo da minha vida inteira, por sempre me guiar ao caminho dos estudos e me fazer ser uma pessoa mais forte e confiante. Agradeço ao meu irmão Charles Anselmo Sampaio, meus tios Josemir Anselmo da Silva e Jemerson Anselmo da Silva por ter sido muito presentes sempre em minha vida. Agradeço ao meu esposo Jairã da Silva Santos Sampaio, pelo companheirismo, apoio e ombro amigo. Agradeço a minha amiga irmã Thâmara Simões Vieira, por sempre está ao meu lado desde a escola. Agradeço aos meus amigos de turma Clayton Santos Silva e Jessé Rafael Bento de Lima pelo companheirismo e amizade. Agradeço ao meu amigo de curso Maxdouglass dos Santos por ter sido quase um irmão durante esses cinco anos e meu amigo Dênis Nascimento da Silva por me acompanhar e está ao meu lado nos momentos mais difíceis da vida acadêmica. Gostaria de agradecer com o coração cheio de amor ao GAC (Grupo Agroecológico Craibeiras) e todos os membros e egressos, principalmente aos contribuintes desse trabalho. Meus agradecimentos a FEAB (Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil), por ter me proporcionado muitas vivências que geraram muitas reflexões e ideais em prol de uma vida melhor, mais justa e sustentável.

Agradeço a gestão da reitora Valéria por ter sido uma gestão que contribuiu imensuravelmente para minha formação. Agradeço à EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e a FAPEAL, pela contribuição no ensino e na pesquisa, ao meu orientador de PIBIC e Estágio, Élio Cesar Guzzo, durante 12 meses, pelo conhecimento adquirido, dedicação e companheirismo na pesquisa científica.

Agradeço ao corpo docente e em especial ao Professor Jakes Halan de Queiroz Costa que foi fundamental para meu crescimento e desenvolvimento como estudante e como pessoa e por ser meu orientador neste trabalho. E ao Professor Cicero Adriano Vieira dos Santos por ter sido o egresso que idealizou o GAC junto com outros estudantes a época e por tudo que o GAC somou à minha vida. Gratidão!!!!

“ Seguiremos sempre firmes na luta pelo Campesinato, pela Agroecologia e por uma Universidade mais humana, hoje, amanhã e sempre! ”

Grupo Agroecológico Craibeiras

“ Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer ”

Paulo Freire

Muitíssimo Obrigada!

RESUMO

SAMPAIO, Luciana Vanessa Anselmo. **Grupo Agroecológico Craibeiras: 15 anos de trajetória e luta.** 2020. 58p. (Trabalho de Conclusão de Curso - Agronomia) - Universidade Federal de Alagoas, Campus de Engenharias e Ciências Agrárias – Campus CECA. Rio Largo, 2020.

Objetivou-se fazer uma análise histórico-evolutiva do Movimento Estudantil Agroecológico – MEA do Grupo Agroecológico Craibeiras - GAC, enquanto espaço de representatividade de estudantes em diversos aspectos. Especificamente este trabalho aborda o percurso histórico na perspectiva de discentes. No desenvolvimento da pesquisa, realizou-se uma análise a partir de uma perspectiva qualitativa, com um estudo de caso aplicado aos discentes e egressos da Universidade Federal de Alagoas membros do GAC, sobre se o MEA Grupo Agroecológico Craibeiras contribui ou não para a formação dos (as) estudantes e de narrativas de vida das pessoas que atuam e atuaram no movimento estudantil agroecológico compartilhando suas experiências e formação neste cenário. É partindo da hipótese que o GAC como MEA colaborou na formação do militante para sua vida profissional e pessoal, sendo o estudante a pessoa responsável pela transformação social que objetivou a realização dessa pesquisa. Observou-se a partir da pesquisa diferentes opiniões acerca das contribuições do GAC a esses indivíduos e sua capacidade transformadora em diferentes aspectos.

Palavras-chave: Formação Profissional; Movimento Estudantil; Agroecologia.

ABSTRACT

SAMPAIO, Luciana Vanessa Anselmo. **Craibeiras Agroecological Group: 15 years of trajectory and struggle**. 2020. 58p. (Course Conclusion Paper - Agronomy) - Federal University of Alagoas, Engineering and Agricultural Sciences Campus - CECA Campus. Rio Largo, 2020.

The objective was to make a historical-evolutionary analysis of the Agroecological Student Movement - MEA of the Craibeiras Agroecological Group - GAC, as a space for student representation in several aspects. Specifically, this work addresses the historical path from the perspective of students. In the development of the research, an analysis was carried out from a qualitative perspective, with a case study applied to students and graduates of the Federal University of Alagoas who are members of the GAC, about whether MEA Grupo Agroecológico Craibeiras contributes or not to the formation of (as) students and life narratives of people who work and worked in the agroecological student movement sharing their experiences and training in this scenario. It is based on the hypothesis that the GAC as MEA collaborated in the training of the militant for his professional and personal life, with the student being the person responsible for the social transformation that aimed to carry out this research. Different opinions about the GAC's contributions to these individuals and their transformative capacity in different aspects were observed from the research.

Keywords: Professional training; Student Movement; Agroecology.

SIGLAS

ABA- Associação Brasileira de Agroecologia

ANA- Articulação Nacional de Agroecologia

AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CA – Centro Acadêmico

CBA – Congresso Brasileiro de Agroecologia

CEBs- Comunidades Eclesiais de Base

CECA – Centro de Ciências Agrárias (atualmente: Campus de Engenharias e Ciências Agrárias)

CONDCE – Congresso do Diretório Central dos Estudantes

CONEA – Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia

CSAU – Centro de Ciências da Saúde

CUT – Central Única dos Trabalhadores

DCE – Diretório Central dos Estudantes

ERA – Encontro Regional de Agroecologia

FASE - Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional

FAEAB – Federação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil

FEAB – Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil

GAC – Grupo Agroecológico Craibeiras

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBTQI+ – Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queens, Intersexuais e outros/as

ME – Movimento Estudantil

MEA- Movimento Estudantil Agroecológico

MEAgro – Movimento Estudantil da Agronomia

MMT – Movimento Minha Terra

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

NTP – Núcleo de Trabalho Permanente

ONG – Organização Não Governamental

PNAPO – Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica

PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SINTUFAL – Sindicato dos Trabalhadores da Universidade Federal de Alagoas

SNAA – Seminário Nacional de Agricultura Alternativa

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UNE – União Nacional dos Estudantes

XV ERA – Décimo Quinto Encontro Regional de Agroecologia do Nordeste

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira logomarca idealizada para representar o GAC.....	26
Figura 2: Segunda logomarca idealizada para representar o GAC.....	26
Figura 3: Terceira logomarca idealizada para representar o GAC.	26
Figura 4: Quarta logomarca idealizada para representar o GAC.....	26
Figura 5: Logomarca atual do GAC.	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. AGROECOLOGIA: HISTÓRICO, CONCEITOS E TRAJETÓRIAS.....	15
3. METODOLOGIA.....	22
4. O GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS.....	24
5.. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
8. ANEXOS	45

1. INTRODUÇÃO

O movimento agroecológico surge em contraposição ao modelo de agricultura oriundo do processo posterior a Revolução Verde que disseminou no mundo um formato de agricultura baseado na difusão de pacotes tecnológicos. Para fazer o contraponto ao modelo dominante, surgem movimentos que fazem reflexões profundas sobre os rumos e sentidos da agricultura no Brasil. Sobre esse momento histórico Londres (2017) e Petersen e Almeida (2006), afirmam que:

A década de 1980 viu surgir com grande força movimentos contestatórios à industrialização da agricultura e seus impactos ecológicos negativos, como perda de biodiversidade, incluindo a diversidade de sementes, desmatamento, degradação dos solos, destruição de fontes de água e contaminação ambiental pelo uso massivo de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos. Era também crescente a percepção de que o pacote tecnológico da Revolução Verde difundido pelas políticas públicas provocava dependência dos agricultores aos poderosos complexos agroindustriais. Tiveram destaque nessa mobilização a Federação das Associações dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (FAEAB) e a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB). Vale destacar as fortes mobilizações da década de 1980 contra os agrotóxicos, que envolveram lideranças importantes dos agrônomos e que culminaram na aprovação da lei de agrotóxicos em 1989, que incorporou conquistas importantes, incluindo a adoção oficial do termo agrotóxico em lugar do eufemismo defensivo agrícola.

Em meio a esses crescentes movimentos que protagonizaram o antagonismo ao modelo agronegocista, diversos espaços de disputas foram sendo visíveis sob uma perspectiva de polarização clara sobre dois diferentes modelos de desenvolvimento rural em disputa no Brasil: o agrobusiness e a agricultura alternativa.

A disputa de modelos passou a ocupar diversas “arenas” como o espaço rural, as políticas públicas e sobretudo a disputa de consciências a partir do acesso ao conhecimento, sendo que as universidades passaram a ter papel protagonista. Logo o ambiente acadêmico, principalmente os cursos de Agronomia tornaram-se sujeitos dessa disputa.

Ao longo do tempo, as conceituações epistemológicas e cenários políticos foram se modificando e o termo agricultura alternativa ensaiado nos anos 1980, passa a ser compreendida como Agroecologia no início dos anos 2000. Essas modificações não empobrecem a continuidade do processo de disputas de narrativas e de modelos nos mais diferentes espaços

sociais, dentre eles o ambiente acadêmico. Nesse cenário como plano de fundo, no Centro de Ciências agrárias – CECA/UFAL surge o Grupo Agroecológico Craibeiras, objeto de estudo desse trabalho. Para além da objetividade dos sentidos políticos do momento em que surge o GAC, identifica-se a capacidade de influências nas trajetórias pessoais de indivíduos que participam desses processos.

Observa-se que parte dos estudantes fundadores do GAC vinham de uma trajetória que encaminharam a fundirem suas ideias e construir um grupo para discussão em comum como relata o entrevistado 3:

“Sempre fiz parte do movimento estudantil de Agronomia através da participação dos fóruns da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil - FEAB. Nos encontros organizados pela FEAB, um dos eixos principais de discussão era a agroecologia e os grupos agroecológicos eram uma realidade em muitas escolas de Agronomia pelo Brasil afora. Nós daqui do CECA que sempre participávamos desses fóruns tínhamos grande vontade de construir um grupo agroecológico, tanto que em todos os encontros era garantido a participação de estudantes dos primeiros períodos. Os motivos que me levaram ter interesses e me influenciaram a ser do GAC foi a possibilidade de materialização de um sonho antigo que já vinha sendo maturado há muito tempo”. (E3)

Habitualmente nos deparamos com a realidade de não encontrarmos comumente pesquisas nos acervos científicos bibliográficos que retratem as contribuições do movimento estudantil para a sociedade e para a formação do cidadão, relacionado a expansão do desinteresse até mesmo por motivos do não conhecimento da política estudantil dentro das organizações educacionais do Brasil. Sobre a expansão desses movimentos no campo das agrárias observa-se essa compreensão:

“Em contraposição ao modelo de ensino hegemônico observado nos cursos superiores das Ciências Agrárias, propostas de modelos de ensino diferenciados, com enfoques na Agroecologia, por exemplo, surgem a partir da práxis social de movimentos sociais e de um confronto com a Agronomia Normal. Essas propostas tendem a adentrar as barreiras da universidade, estabelecendo-se enquanto um objeto teórico e metodológico, dotado de fundamentação crítica e científica, que recebem apoio das organizações estudantis, movimentos sociais e movimentos camponeses, que historicamente foram excluídos pelo modelo convencional de ensino superior”. (RAMOS et al, 2017)

Fazendo uma análise acerca do movimento estudantil das agrárias Ramos *et al.* (2016) observa que o movimento estudantil nacional absorveu diversas temáticas emergentes dos movimentos sociais que tendem a contrapor a hegemonia dos paradigmas convencionais, observada nas universidades e na sociedade, e que no tocante aos cursos de Agronomia, se

observa uma tendência de temas referentes à agroecologia e a extensão universitária adentrarem os círculos de discussões entre estudantes, professores, profissionais e sociedade em geral.

Esse papel de vanguarda do MEAgro tem sido historicamente mantido pela FEAB, que ao longo de sua história foi protagonista e apoiadora de diversas iniciativas que ajudaram na ampliação da qualidade da formação profissional e da consolidação do movimento agroecológico e estudantil. Dentre as principais contribuições da FEAB, destacam-se no fim dos anos 80 o apoio ao fim da Lei do Boi, que destinava uma cota de 50% de vagas nas Universidades para filhos de fazendeiros; a criação do Currículo Mínimo Nacional; a Lei dos Agrotóxicos (receituário agrônomo) e a ampliação das discussões sobre a necessidade de modelos agrícolas alternativos ao da “Revolução Verde”.

No MEAgro conduzido pela FEAB evidencia-se uma postura de defesa de um ensino público, gratuito e de qualidade fundamentado em um novo paradigma de formação profissional e que paute o debate sobre uma agronomia emancipatória enquanto ciência da complexidade, superando os paradigmas de uma agronomia hegemônica baseada nas “ciências normais”, tais como a ciência positivista (FEAB, 2014).

É notório a observação de que na pesquisa acadêmica atualmente existem deficiências que geram uma certa dificuldade aos pesquisadores de possuírem uma perspectiva de visibilidade ao movimento estudantil como um espaço de formação da cidadania, além de existir receios sobre a temática devido as relações de poder dentro das universidades.

Nesse contexto levantou-se a hipótese de que o GAC como movimento estudantil agroecológico orientado em sua gênese ideológica pela FEAB, se apresenta como um espaço que proporciona aprendizagem em diversas temáticas, dentre elas uma de extrema relevância: a formação individual e coletiva do estudante que se tornará agente transformador para uma sociedade mais justa na perspectiva social.

Objetivou-se a realização de uma análise histórico-evolutiva do movimento estudantil agroecológico, tendo o Grupo Agroecológico Craibeiras – GAC, como espaço de representatividade estudantil dentro da Universidade e ferramenta para construção de uma sociedade mais consciente, justa, fraterna e igualitária, fundamentada na crítica, a partir da reflexão sobre a realidade social, as ideologias e o pensamento a partir do espaço de atuação do estudante que é a universidade. Sendo os objetivos específicos: a) divulgar o percurso histórico

do movimento estudantil agroecológico, como GAC, desde a sua fundação; b) analisar o processo de construção individual dos estudantes membros do GAC e seus reflexos a partir de suas contribuições.

Para tanto, além de uma revisão de literatura sobre Agroecologia exaltando seus conceitos, trajetórias e relação com os movimentos sociais, compreende-se que o processo histórico evolutivo do GAC sequencia a narrativa reafirmando as influências das discussões em cenários diversos, principalmente o que se refere ao contexto acadêmico.

Sucedem-se então os procedimentos metodológicos do trabalho e as reflexões acerca das discussões e resultados, além das considerações finais. Por fim, anexou-se registros fotográficos de alguns momentos históricos importantes, acompanhados de um documento histórico e de documentos necessários para a execução do trabalho, tendo em vista que o movimento estudantil dentro das Universidades do estado de Alagoas e de muitas outras universidades ainda é muito distante da maioria dos estudantes, noutras nem sequer existe.

2. AGROECOLOGIA: HISTÓRICO, CONCEITOS E TRAJETÓRIAS.

Para se iniciar a compreensão das dimensões que envolvem a Agroecologia e posteriormente relacioná-las ao MEA, faz-se necessário um resgate histórico fundamentado numa perspectiva evolutiva da discussão em torno da Agroecologia. Esse mergulho histórico pode regredir no tempo em divergentes lugares e épocas, visto que as práticas agroecológicas podem ser consideradas milenares, dado o conhecimento do manejo de agroecossistemas trazido por populações tradicionais, em diversas partes do mundo ao longo do tempo, como exemplifica Santos (2018) e Alves (2001), respectivamente:

Temas recorrentes da agroecologia sempre fizeram parte do universo indígena. A agroecologia, como ciência, tem como base os modelos de produção sustentáveis, neste sentido, passa a dialogar com os conhecimentos indígenas sobre a natureza. Ademais, passa a ser ação norteadora de ações nestas comunidades, permitindo assim um campo complexo de atividades e de diálogo entre o conhecimento tradicional e uma ciência emergente: multi, inter e transdisciplinar. (SANTOS, 2018)

...

Muitas tribos indígenas dominavam sistemas sofisticados de produção que incluíam desde conhecimentos de calendários agrícolas baseados na astrologia, até sistemas de seleção, manejo de solos e diversificação de culturas. (ALVES, 2001)

Portanto, vale a ressalva de que as abordagens teóricas acerca da Agroecologia emanam da compreensão de modelos preexistentes nas sociedades e suas práticas agrícolas.

Especialmente no Brasil, em uma perspectiva histórica, a disputa de modelos de agriculturas está diretamente atrelada a questão agrária e a luta pela terra, e por conseguinte ao surgimento dos movimentos sociais camponeses, a exemplificar, seja no século XIX em Canudos, nos anos 1950 com as Ligas Camponesas ou mesmo nos anos 1980 com o surgimento de movimentos como o MST.

Para esse trabalho, as abordagens contextuais históricas partem da concepção da Revolução Verde e todas as suas consequências na agricultura como marco fundamental para o surgimento de movimentos contra dominantes nas agriculturas em todo o mundo.

Sobre esse período de avanço considerável do modelo convencional de agricultura a partir da Revolução Verde, Fagundes (2010) observa que:

A década de 60 foi um marco para o modelo de desenvolvimento hegemônico. Nesta década, sobretudo na segunda metade tem início a chamada Revolução Verde ou “modernização conservadora”. A agricultura desenvolveu-se com a forte consolidação do complexo agroindustrial, enorme êxodo rural e a regulação de uma série de políticas através do crédito rural. A consolidação do Complexo Agroindustrial significou um incremento grande na produção de maquinários e insumos e também no processamento dos produtos de origem do campo. (FAGUNDES, 2010).

Logo posterior ao processo de disseminação da chamada Revolução Verde, a publicação do livro *Primavera Silenciosa* (1969) de Rachel Carson, alertando aos perigos a saúde e ao ambiente decorrentes desse modelo predador de agricultura, desperta uma prolongada discussão nos ambientes acadêmicos, e também faz surgir movimentos contra hegemônicos a agricultura industrial. Esses modelos agrícolas trabalhados de forma agroecológica eram denominados como agriculturas alternativas, evidenciando o modelo industrial como sendo dominante.

Mais precisamente na década de 1970, no Brasil, surge o movimento de Agricultura Alternativa que se inicia contestando o modelo de desenvolvimento difundido pela Revolução Verde.

A contestação ao modelo de desenvolvimento difundido pela Revolução Verde começou no Brasil ainda na década de 1970, quando surgiu o movimento de “agricultura alternativa”. Esse movimento criticava as tecnologias adotadas no processo de modernização da agricultura brasileira por seu impacto ambiental e social e propunha o uso de outras tecnologias menos impactantes. (SAMBUICHI, 2017).

Foi a partir dessa necessidade histórica de enfrentamento à disseminação do modelo dominante da agricultura comercial, que surgem as organizações que enraizaram as ideias de agriculturas alternativas no Brasil, e que posteriormente, discutiriam Agroecologia, como reafirma Sambuichi (2017), quando diz que a partir das escolas que compunham esse movimento, surgiram vários atores que viriam a atuar posteriormente nas organizações da sociedade civil ligadas à agroecologia e à agricultura orgânica.

Essas organizações passam a exercer protagonismo nos anos 1980, principalmente entre os movimentos sociais camponeses e entidades estudantis e de classes. Destacam-se nessa década, as Comunidades Eclesiais de Bases - CEBS, que eram organizações comunitárias ideologicamente ligadas a igreja católica e que adotavam uma perspectiva de educação a partir

da teologia da libertação e do empoderamento dos pequenos camponeses, a partir da luta pela terra através de um modelo mais conveniente de produção de alimentos.

Destacam-se na década de 80 os trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base - CEB, que encamparam as discussões sobre a adoção de um modelo de agricultura mais adequado do ponto de vista socioambiental. O trabalho das CEBs junto aos agricultores familiares viria a ser o embrião que resultou posteriormente na expansão do movimento agroecológico entre as comunidades rurais e organizações de Base (IPEA, 2017).

Por outro campo de atuação, surgem a adoção dessas pautas nas discussões de organizações de classe e estudantis, principalmente a FAEAB e a FEAB, respectivamente. Essas entidades foram fundamentais a partir da organização dos primeiros EBAA's – Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa que aconteceram ao longo anos 1980, sendo o primeiro em 1981 em Curitiba-PR. Posteriormente, esses encontros foram construídos conjuntamente com outros movimentos camponeses que comungavam da necessidade de outro modelo de agricultura, diferente do proposto pela Revolução Verde, ampliando assim a gama de proposições e visões acerca da temática.

Os Encontros Nacionais de Agricultura Alternativa (EBAA's) ocorreram na década de 1980, dando oportunidade do surgimento de diversas ONG's e organizações. Eram primeiramente promovidos pela FEAB e FAEAB e posteriormente as ONG's e Movimentos Sociais como MST, CUT, FASE e AS-PTA. Tinham um perfil conquistador, politizado e claro de enfrentamentos com relação ao projeto de desenvolvimento, surge questionando o pacote tecnológico, e este questionamento deu-se com forte fundamento técnico. Não era só o modelo técnico que entrava em questionamento, mas sim, todo um projeto de desenvolvimento. Com uma participação muito heterogênea, não apenas pessoas consideradas revolucionárias de esquerda, mas algo muito amplo. Esse novo modelo tecnológico alternativo começou a ter fortes resistências no campo político. Com as concepções técnicas bem consolidadas neste grupo, teve-se também identidade política de enfrentamentos. (FAGUNDES, 2011)

Observa-se que nesse período, a pauta da agricultura alternativa ganha um acúmulo de setores interessados em discuti-la, devido a necessidade de um outro modelo. Esses setores se distribuíam em ONG's, associações de trabalhadores rurais e setores das Universidades.

Durante a década de 80, o movimento para uma agricultura alternativa ganhou força com a realização de quatro Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAA); que ocorreram, respectivamente, nos anos de 1981, 1984, 1987 e 1989. Se nos dois primeiros as críticas se concentravam nos aspectos tecnológicos e na degradação ambiental provocada pelo modelo agrícola trazido pela Revolução Verde, nos seguintes o encontro privilegiou o debate sobre as

condições sociais da produção, sobrepondo as questões políticas sobre as questões ecológicas e técnicas. (PNAPO, 2020)

Os demais EBAA's que o autor citado se refere aconteceram em 1984 em Petrópolis/RJ, em 1987 em Cuiabá/MT, e em 1989 em Porto Alegre/RS. Esse último destacou-se por divergências entre as direções do movimento, dispersando assim as várias frentes que estavam engajadas até então.

No entanto, uma conquista importante nesse mesmo período foi a criação pelo Estado Brasileiro da Lei de Agrotóxicos – Lei 7.802/89, que regulamentou no Brasil diversos aspectos sobre o uso dos químicos na agricultura, incluindo a obrigatoriedade do receituário agrônomo.

Esse momento se apresentou como uma ferramenta de legitimidade do movimento de agricultura alternativa sendo referendado pelo Estado Brasileiro, a partir de discussões importantes sobre os rumos da agricultura no Brasil.

A década de 1990 tem uma clara dispersão da tendência de um campo unitário ensaiado nos anos 1980. A FEAB ainda tenta realizar o V EBAA, no entanto as dificuldades de parcerias não permitiram com que o evento acontecesse. Parte dessa dispersão se deu com os rumos políticos administrativos tomados pela FAEAB que passa a ter dirigentes não simpatizantes com o modelo alternativo de agricultura, e as ONGs, que passam a exercerem seus próprios protagonismos nos seus respectivos campos de atuação.

A FEAB defendia que o EBAA deveria ser consolidado, a Coordenação Nacional da FEAB de 91/92 fez um projeto com o apoio prefeitura municipal de São Paulo, com a intenção de realizar o V EBAA na capital paulista. O financiamento esperado era de uma Fundação alemã não ocorreu, e ainda se suspeitava de um boicote das ONG's e com a entidade co-irmão a FAEAB passando a ser contra a proposta da agricultura alternativa, o V EBAA nunca aconteceu. Com essas limitações, a FEAB, inicia a construção do Seminário Nacional de Agricultura Alternativa (SNAA), que aconteceu em 1996 e teve participação em torno de 200 pessoas e mais de 40 entidades. (FARGNOLI, 2011)

Logo, observa-se que a discussão da agricultura alternativa em torno do movimento estudantil teve suas origens na executiva do curso de Agronomia, e nos anos 1990 continuou sobre essa lógica.

No final da década de 1990, observa-se uma transição epistemológica nesse campo, devido a abrangência e complexidade que envolvem essas questões. A partir da academia surge

o termo Agroecologia, com vista numa compreensão bem mais holística e que englobasse todas essas formas de compreensão desse universo amplo, que atualmente refere-se esse termo

No campo conceitual que fundamenta a Agroecologia surgem algumas concepções, que buscam abranger toda diversidade de discussões em torno dessa temática.

Para Caporal e Costabeber (2000), a Agroecologia é entendida como um enfoque científico destinado a apoiar a transição dos atuais modelos de desenvolvimento rural e de agricultura convencionais para estilos de desenvolvimento rural e de agriculturas sustentáveis.

Quando se fala de Agroecologia, está se tratando de uma orientação cuja contribuições vão muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agronômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade. (CAPORAL; COSTABEBER, 2000)

Já Gliemann (2001) observa o enfoque agroecológico como a aplicação dos princípios e conceitos da Ecologia ao manejo e desenho de agroecossistemas sustentáveis num horizonte temporal, integrando o conhecimento local e científico, permitindo assim a construção e expansão de novos saberes socioambientais, impulsionando o processo de transição agroecológica.

Concebidos esses vários conceitos e fundamentos, nos anos 2000 a utilização do termo agricultura alternativa é reduzida sistematicamente, dando lugar a Agroecologia.

É nesse período que surge o Grupo Agroecológico Craibeiras, no anseio do surgimento de diversas correntes e grupos de agroecologia nas universidades e de discussões em torno do modelo agroecológico dentro dos movimentos sociais.

Em Alagoas, a ausência de conscientização sobre assuntos políticos entre a maioria dos estudantes na Universidade é evidente, tendo como exemplo a ausência da maioria dos estudantes nas eleições dos diretórios acadêmicos e DCE's, nos espaços de assembleias gerais estudantis que são decisivos aos rumos dos cursos e estudantes. Sabendo que a universidade é composta por uma diversidade de pessoas que expressa seus grupos de relação cotidianamente, o Grupo Agroecológico Craibeiras surge como um espaço caracterizado como movimento estudantil agroecológico de mudança na sociedade, em diversas perspectivas.

Analisar o movimento estudantil é antes de tudo, analisar um movimento plural, capaz de se expressar através de vários grupos que se potencializam no cotidiano da condição estudantil. Poderíamos afirmar que este não se limita a suas organizações estudantis e formais, mas se manifesta na própria dinâmica de criação de interesses e pautas que – transformadas diariamente pela realidade estudantil, pelas relações universitárias e pela sociedade civil – pode ser capaz de mobilizar os estudantes.(MESQUITA, 2003)

Bezerra (2014) afirma que “o movimento estudantil é o primeiro espaço de atuação política dos jovens em nossa sociedade, espaço este que acaba influenciando diretamente na sua formação. No entanto, essa atuação depende da incidência das organizações estudantis na aproximação com os estudantes.

Observando esse contexto, do surgimento do movimento agroecológico em vários lugares, em Alagoas o GAC emerge a partir da participação de seus membros em eventos que iniciavam os rumos do movimento agroecológico.

Em 2000, é realizado o I Encontro Nacional de Agroecologia a partir de estratégias de movimentos sociais camponeses, e entidades ligadas a Agroecologia.

A partir do ano 2000, entidades, profissionais e movimentos sociais se articularam para dar visibilidade pública ao conjunto de experiências voltadas à promoção da agroecologia no país. Esta articulação resultou na realização dos Encontros Nacionais de Agroecologia - ENAs, com o propósito de afirmar a agroecologia como modelo tecnológico alternativo, estimular a cooperação entre setores ligados à agroecologia e à agricultura familiar, e formular propostas de políticas públicas com enfoque agroecológico a serem entregues aos candidatos a presidente das eleições de 2002. (IPEA,2017)

Em 2002, é formada a Articulação Nacional de Agroecologia, entidade que passa a conglomerar diversos movimentos e personagens da Agroecologia em uma articulação em redes.

Em novembro de 2003 é realizado em Porto Alegre/RS, o I Congresso Brasileiro de Agroecologia que foi realizado com participação ativa e ampla de instituições de ensino, pesquisa e extensão e sociedade civil organizada envolvida com as demandas da agricultura familiar, e se tornou um espaço de valorização da agroecologia como ciência.

Ainda no campo acadêmico, em 2004 é criada a Associação Brasileira de Agroecologia – ABA, entidade construída a partir de pesquisadores ligados ao movimento agroecológico. A ABA passa a protagonizar o espaço acadêmico-científico, através da realização de congressos e publicações para divulgação do conhecimento.

Vemos uma tendência de fortalecimento do MEA no embalo dos surgimentos de núcleos e grupos de Agroecologia nesse período.

Há muitos anos formam-se organizações, compostas majoritariamente por estudantes, hoje chamados de Grupos de Agroecologia (GA's), em diversas Universidades do país. Em 2005, iniciou a articulação entre os grupos de agroecologia e organizações do Movimento Estudantil ... com a pretensão de acumular na elaboração de uma plataforma política mínima que possa contribuir na convergência entre as diversas organizações que constroem a Agroecologia. (FAGUNDES, 2011)

O papel histórico desempenhado pela FEAB também protagonizou momentos importantes ao longo da consolidação da Agroecologia pelo Brasil. Se referindo a FEAB, Fagundes (2011) ressalta:

Desde sua fundação a entidade é protagonista de inúmeras conquistas que asseguraram mudanças no curso de agronomia como o fim da Lei do Boi (cota de 50% de vagas para filhos de fazendeiros), o Currículo Mínimo Nacional, a Lei dos Agrotóxicos (receituário agrônomo), a discussão diferenciada de Ciência & Tecnologia, a necessidade de modelos agrícolas alternativos ao da "revolução verde", a proposta de Agroecologia, entre outras.

Evidencia-se então, a importância da organização estudantil como agentes transformadores da sociedade, independente dos seus espaços de atuação. Para concluir essa revisão, é adequado observar a contribuição do NTP de Juventude, Cultura, Valores, Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade da FEAB / UFRJ - RJ – Gestão 2009/2010:

A Universidade é responsável pelos futuros profissionais das diversas áreas podendo contribuir com a extensão universitária provocando mudanças na sociedade, sobretudo quando feita com consciência e voltada para o exercício pleno do diálogo, da troca de experiências, de vivências compartilhadas entre academia e comunidade, proporcionando a reflexão e a ação, na busca da melhoria da qualidade de vida da comunidade e no efetivo papel da Universidade, que é de se abrir para além de seus muros e contribuir para o crescimento e melhoria da qualidade de vida da sociedade na qual se insere.

Quando nos dispomos a ser sujeitos transformadores da sociedade, transpomos os muros da universidade, internacionalizando a frase de Florestan Fernandes: "Ou os estudantes se identificam com o destino do seu povo, com ele sofrendo a mesma luta, ou se dissociam do seu povo, e nesse caso, serão aliados daqueles que exploram o povo". (FEAB, 2011)

3. METODOLOGIA

Sabendo da importância deste espaço na disputa de narrativas e na formação do estudante em diferentes perspectivas, procedeu-se este estudo sobre a contribuição do GAC para a formação, onde utilizou-se o método de abordagem qualitativa.

Primeiramente, procedeu-se metodologicamente um questionário sobre as experiências proporcionadas pelo grupo como movimento estudantil agroecológico, bem como as vivências e as transformações partindo da perspectiva individual para com o coletivo e no contexto da cidadania em meio a sociedade e seus avanços. Ainda se obteve narrativas autobiográficas de discentes e profissionais formados que participaram e participam ativamente do GAC enquanto discentes do Centro de Ciências Agrárias da UFAL, onde também atuaram nos diretórios acadêmicos e Diretório Central dos Estudantes. Para a permissão da divulgação das entrevistas e conhecimento dos fins desse trabalho, os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido conforme determinam as normas de ética acadêmica.

Utilizou-se o livro *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (1970), como material didático e metodológico para construir esta pesquisa. Esta metodologia consiste em três etapas, sendo elas: Organização, Codificação e Categorização.

A organização consistiu basicamente em uma leitura universal dos questionários com intuito de familiarização com o material e posterior seleção, tendo como tarefa a preparação do material, que objetiva transformar as respostas dos questionários por padronização e por equivalência.

Na etapa de Codificação ocorreu a edição do material, a partir dos recortes das respostas obtidas, e também a análise semântica dos elementos comuns descritos pelos entrevistados, respeitando o contexto das perguntas.

A Categorização ocorreu por diferenciação e reagrupamento de partes do material obtido. Foram identificadas respostas frequenciais e categorizadas conforme a similaridade entre elas, objetivando encontrar os sentidos das falas dos entrevistados.

Foram coletadas 19 entrevistas. De posse dessas entrevistas adquiridas através de formulários preenchidos pelos membros e egressos do GAC, separou-se metodologicamente de forma organizada as respostas dos questionários que foram relevantes para responder o pressuposto inicial desta pesquisa, realizando-se uma análise qualitativa de suas respostas as dez perguntas que lhe foram apresentadas.

A análise consistiu em codificar inicialmente e agrupar as respostas fazendo um cruzamento entre elas, comparando-as entre os entrevistados. Buscando compreender as similaridades e diferenças, categorizou-se os pontos como formas de aproximação que levaram a entrada dos estudantes no grupo, como os membros conseguem visualizar a importância do GAC no ambiente acadêmico e em suas vidas, e o que de mais importante transformador foi/é o GAC para este enquanto indivíduo e sujeito coletivo.

A partir dessas observações qualitativas oriundas dos questionários aplicados aos membros e egressos do GAC e suas observações tentou-se agregar a isso o processo histórico de construção, condução e incidência do GAC ao longo da sua trajetória enquanto movimento estudantil agroecológico.

4. O GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS

O Grupo Agroecológico Craibeiras (GAC) é um grupo de organização estudantil vinculado ao então Centro de Ciências Agrárias, da Universidade Federal de Alagoas, atualmente, Campus de Engenharias e Ciências Agrárias – Campus CECA, que promove a discussão e a construção coletiva dentro e fora da Universidade, das principais pautas e bandeiras defendidas pela Agroecologia (SILVA, 2018).

Conforme relatos dos entrevistados, no ano de 2000, alguns estudantes de agronomia da Universidade Federal de Alagoas, viajaram para o Encontro Regional de Agricultura Alternativa – ERAA realizado na Universidade Federal do Ceará em Fortaleza. Sobre esse encontro podemos ver referências no trabalho de Fargnoli (2011) onde eles se referem ao evento:

...Dessa forma no lugar de se articular a nível nacional em encontros com 3 a 4 mil pessoas, a FEAB passa a promover os ERAA's (encontro regionais de agricultura alternativa). No Ano de 2000 no ERAA do Nordeste, realizado em Fortaleza, é o coroamento de um processo de acúmulo da concepção da temática, onde os encontros regionais de Agricultura Alternativa passaram a se chamarem: Encontros Regionais de Agroecologia - ERA. (FARGNOLI, 2011).

Após esse encontro, reiniciou-se dentro do Centro de Ciências Agrárias/UFAL, uma discussão antiga sobre o atual modelo de agricultura vigente no Brasil e principalmente no estado de Alagoas. (SAMPAIO et al, 2019) analisando a estrutura técnica e política, suas características, os principais interessados e os maiores beneficiários. Em 2002, alguns estudantes de agronomia, tiveram uma iniciativa de formar no CECA/UFAL um grupo de agroecologia, para tanto, iniciaram um ciclo de palestras com alguns professores do centro, onde contaram com um público estudantil de aproximadamente 50 estudantes dos cursos de Agronomia e Zootecnia.

Após 30 dias de discussões periódicas, um grupo de estudantes do CECA reuniu-se para compor o grupo agroecológico. No mês de junho de 2002, oito estudantes membros do grupo e dois técnicos da organização não-governamental Movimento Minha Terra, do estado de Alagoas, participaram do VII Encontro Regional de Agroecologia – ERA, realizado em Areia/PB, na Universidade Federal da Paraíba-UFPB. De volta à Universidade, houve uma tentativa de dar consistência ao então grupo agroecológico porém sem sucesso. Após

aproximadamente um ano, mantinha-se ainda uma chama acesa dentro do CECA/UFAL da necessidade de um grupo agroecológico.

Então, houve novamente uma rearticulação que resultou em várias reuniões com estudantes dos cursos de Agronomia, Zootecnia e da Pós-Graduação. A partir das reuniões com esses estudantes, foi construído nos dias 29 e 30 de novembro de 2003, no Centro de Ciências da Saúde-CSAU, da UFAL, durante o Congresso do DCE-CONDCE, a realização do I Seminário sobre Agroecologia: ‘Uma perspectiva para o Desenvolvimento Local Sustentável’. Na abertura desse seminário estiveram presentes: o Diretor do CECA/UFAL, um representante do MST/AL, um representante do MMT, uma representante do SINTUFAL, um representante da FEAB e um representante do DCE/UFAL.

Desde então, após a formulação e aprovação da Carta Princípio na plenária final do seminário, estava formado e estruturado o Grupo Agroecológico Craibeiras CECA/UFAL, com o lema: Nascemos para Construir. O grupo se organizou em cinco comissões: Organização, Práticas e Pesquisas; Secretaria; Comunicação, Divulgação e Eventos e, Finanças. A seguir, relato de um entrevistado que foi membro fundador do GAC sobre o referido período:

“Em 2003, quando ingressei no mestrado em Agronomia “Produção Vegetal” havia um grupo de estudantes de graduação que estava tentando construir um grupo agroecológico, mas devido a alguns problemas de ordem organizacional e de horários fazia com que o grupo não tivesse uma vida muito ativa no dia a dia do Centro de Ciência Agrária. Então, considero que fiz parte da fundação do GAC participando das reuniões de estudos, capacitação e construção do primeiro Seminário de homologação e afirmação do grupo dentro e fora da universidade como braço dos movimentos sociais” ... (E3)

...

...O GAC influenciou muito no ensino no CECA. Quando o GAC foi fundado em 2003 tinham 32 membros espalhados por todas as turmas praticamente... Nossas reuniões eram divididas em estudos teóricos e tarefas do dia a dia” ... (E3)

A respeito da identidade visual criada pelos membros fundadores do GAC, resgatou-se alguns símbolos que buscavam expressar a partir da imagem do grupo os ideais daqueles estudantes.

Observa-se, a seguir, a evolução dos símbolos identitários até o atual. Coletou-se que as ideias iniciais tentavam descrever determinadas mensagens através da logomarca, que de acordo com as discussões do grupo foram se modificando por um certo tempo. As quatro

primeiras figuras datam ainda do ano de 2004, período de afirmação do grupo. O verde da engrenagem simbolizava o curso de Agronomia no CECA/UFAL. O vermelho do GAC simbolizava a luta. O amarelo simbolizava o sol, que renasce todos os dias. A planta simbolizava a ecologia (pela planta Craibeiras). O marrom simbolizava a terra como elemento essencial da agricultura. O azul da onda simbolizava a água e a vida. Observa-se que da primeira para a segunda figura há uma mudança de cor (do azul para o verde) na parte que representa a engrenagem do curso de Agronomia, dado pela utilização da cor verde pelo curso de Agronomia no CECA, à época.



Fonte: Acervo do GAC.



Fonte: Acervo do GAC.



Figura 3: Terceira logomarca idealizada para representar o GAC.

Fonte: Acervo do GAC.



Fonte: Acervo do GAC.



Figura 5: Logomarca atual do GAC.

Fonte: Acervo do GAC.

Sobre a escolha da planta Craibeiras como composição do nome do grupo, deu-se devido a planta ser símbolo do estado de Alagoas.

Segundo o entrevistado 3, a ideia foi usar o símbolo da Agronomia em forma de sol. Colocou-se uma árvore no meio para representar a agricultura/natureza. Os traços curvados embaixo representam: a terra (marrom) e a água (azul). Conforme descreveram alguns entrevistados essas mudanças nas logomarcas eram discutidas profundamente pelo grupo, até que se chegasse a logomarca atual representada na figura 5, que se deu após a participação de um membro com boas técnicas e acesso as ferramentas que permitiram editar uma identidade visual mais moderna, no ano de 2006.

A frase que foi escolhida para representar o grupo na época de sua fundação foi a seguinte:

"Assim como o sol nasce para existência da vida, nascemos para construção de um novo tempo". GAC!

Após a consolidação do GAC como grupo de auto-organização dos estudantes do CECA, as atividades prosseguiram sempre em torno da agroecologia como bandeira principal do movimento. O pouco material historiográfico encontrado e recolhido para subsidiar esse trabalho remete a compreender que as atividades do GAC giravam em torno de trabalhos no ambiente da universidade, tais como mutirões, cursos básicos de agroecologia, preparação de hortas agroecológicas, assim como de formação crítica dos estudantes a partir da participação em espaços do movimento estudantil como a FEAB, de formação de grupos de estudos e da

participação em eventos relacionados a Agroecologia como o I Congresso Brasileiro de Agroecologia – CBA.

Cabe a observação por parte de um entrevistado membro fundador sobre as estratégias iniciais de consolidação do grupo. Ele destaca a importância da formação teórica precedendo a prática:

...”na minha passagem pelo grupo, que foi praticamente na sua gênese, havia um debate muito forte que era na questão das experiências agroecológicas... Tinha um debate grande sobre a construção de experimentos e eu nunca condenei, mas entendia que era necessário que antes de ir a campo, o membro do grupo precisava ter uma bagagem teórica, assim ao chegar no campo, montar um experimento e dar errado ele não desacreditaria na Agroecologia e buscaria outras formas pra resolver... Caso não tivesse uma consistência teórica poderia se tornar um inimigo da agroecologia, visto que o ensino reproduz as técnicas da revolução verde e nos condena... A melhor experiência agroecológica que o grupo me proporcionou foi que a teoria precede a prática” ... (E3).

Desde seu início, aparentemente houve uma preocupação pela militância do GAC não somente com o processo de formação mas também de renovação do grupo. A participação e apresentação do grupo em calouradas (eventos realizados para receber estudantes ingressantes, momentos de diálogos de antigos com novatos) têm seus registros desde o ano de 2004 quando ocorreu o Trote Verde, experiência em que o GAC participou diretamente das atividades na UFAL, coordenando os feras na ações de formação do jardim do canteiro central do Campus A. C. Simões (Cidade Universitária). Atividade concretizada a fim de atrair novos estudantes para composição do grupo e a discussão em torno da agroecologia.

... “Os membros do grupo estavam empolgados para discutir esta temática com os professores e, naquele momento, a maioria dos professores não acreditavam direito na Agroecologia, mesmo ela apontando como uma saída para o século XXI. O GAC foi até perseguido por alguns professores, mas também recebeu apoio de alguns poucos” ... (E3)

Como estratégia de equilíbrio entre teoria e prática, estimulados pela aprendizagem trazida do CBA realizado em Novembro de 2003 na cidade Porto Alegre/RS, organizou-se em janeiro de 2004 o Curso Básico de Agroecologia, sendo a primeira experiência promovida pelo GAC que buscou conciliar os estudos teóricos acerca da Agroecologia com a prática agroecológica. Ao curso, se sucedeu, em abril do mesmo ano, uma oficina com a mesma temática denominada Mutirão Agroecológico.

Sobre as finalidades e princípios do GAC em suas origens, mostrou-se desde seu início uma preocupação com temas até então pouco abordados nas ciências agrárias, mas que posteriormente se atualizariam e estariam presentes nos debates acadêmicos. A visão sistêmica de seus membros fundadores proporcionou, à época, que o grupo perpassasse em suas discussões as ideias vigentes acerca do campesinato, das práticas agrícolas, monocultivos, degradação ambiental, injustiça social e ainda propôs um outro modelo de sociedade. Essa capacidade de compreensão da necessidade de uma nova realidade social orienta até hoje esses princípios que é o conceito inicial do GAC:

“É um grupo preocupado com os desastres sociais e ambientais, que visa na construção de um novo modelo agrícola/agrário, enraizado na agroecologia, contribuindo assim para a melhoria da qualidade de vida, equilíbrio do meio ambiente e principalmente para a formação de uma nova sociedade: justa, fraterna e igualitária”. (E3)

O ano de 2008 foi fundamental para consolidação do GAC no ambiente de disputa ideológica que é o CECA. A realização do Encontro Regional de Agroecologia do Nordeste – ERA Nordeste, que é uma instância organizativa da FEAB revitalizou e fortaleceu o grupo servindo como uma ferramenta argumentativa, visto que o evento mobilizou estudantes de todo o Nordeste e fez refletir na comunidade interna do CECA a dimensão da pauta agroecológica no ambiente de universidades, trazendo uma reflexão sobre as linhas ideológicas do ambiente acadêmico.

“...vi a realização do **ERA 2008**, organizada pelo GAC, que me chamou bastante atenção, devido a proporção do evento, um “pequeno grupo de alunos” organizando um evento com gente de todo o Nordeste”. (E1)

Após uma esvaziada nos processos de formação e organicidade depois do ano de 2010, o GAC seguiu existindo, porém sem exercer o vigor de seus primeiros tempos. Somente em 2013, estudantes voltaram a frequentar os espaços da FEAB no 56º Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia, e a partir daí surgiu o que, mais a frente, seria o período atual do GAC. No ano de 2014, a participação de estudantes do CECA no ERA de Mossoró fez manter acesa a ideia de retomada da ascensão do movimento estudantil agroecológico dentro do CECA e essa unidade foi alcançada em 2015.

Durante o processo preparatório do XV ERA que aconteceu em Bananeiras-PB em 2015, o movimento estudantil do CECA aprofundou a mobilização em todos os cursos do Centro inclusive no recém criado curso de graduação em Agroecologia que estava com sua

primeira turma. Com um encontro bastante rico em discussões e com uma capacidade de formação profunda entre os estudantes, sobretudo os de recente ingresso, formou-se um grupo qualitativo que culminou com um crescente na organização do grupo. Na volta da Paraíba, os estudantes consolidaram o resgate do GAC e sua organicidade avançando no processo de empoderamento enquanto núcleo estudantil.

“A melhor experiência agroecológica que o grupo me proporcionou foi a viagem para o XV ERA Bananeiras onde consegui novas experiências e conheci os movimentos sociais. Por meio do evento ocorrido em Bananeiras na PB conheci alguns membros, acabei ingressando logo em seguida, em 2015.” (E4)

O uso das instalações estruturais até então degradadas, foi retomada e restaurada a partir de demandas à direção do Centro. As reuniões passaram a ter uma periodicidade rotineira e a aderência de estudantes de outros cursos além da Agronomia foi marcante. As ideias que originaram o GAC pautadas sempre na Agroecologia como pauta maior agora ganham nova roupagem e as estratégias de condução do grupo não mais eram aquelas de seu período inicial.

Com o nítido crescimento em número de membros e a diversidade de ideias trazidas, surgiram no período pós 2015 várias frentes que compuseram o grupo. Os espaços que cabiam ao Movimento Estudantil organizado foram gradativamente sendo ocupados sempre com as bandeiras guiadas pela agroecologia. Dentre essas frentes, pode-se identificar a recriação do Cento Acadêmico de Agronomia 12 de Outubro e o estímulo para criação de CAs de outros cursos como o de Agroecologia. Inserir os estudantes na aproximação e consequente construção de organizações estudantis influencia desde o primeiro momento do contato do acadêmico com a academia, principalmente nas recepções aos calouros feitas geralmente pelos centros acadêmicos e posteriormente a possível vinculação do estudante com a organização estudantil.

Outra frente de organicidade deu-se a partir da realização dos Café com Agroecologia, que são espaços de discussão em torno da Agroecologia organizado mensalmente por estudantes e aberto a comunidade acadêmica diversa como estratégia de atrair o público para discutir a agroecologia. A ideia surgiu a partir de uma experiência exitosa de um grupo agroecológico da Universidade Federal de Viçosa – MG, como podemos observar em Junior *et al.* (2017):

A Agroecologia é uma ciência que dialoga com diferentes áreas de conhecimentos via metodologias participativas. Em contexto de troca de saberes surgiu o “Café com Agroecologia”, promovido pelo Programa de Pós-graduação em Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa, com encontros mensais,

agregam estudantes do ensino fundamental e médio, graduação e pós-graduação, professores, técnicos, produtores rurais e demais interessados pela Agroecologia. O encontro normalmente é iniciado pela fala do facilitador/palestrante sobre o tema a ser discutido. Em seguida, são promovidos posicionamentos e questionamentos que, comumente são direcionados ao facilitador. O espaço é aberto à troca, preparo e degustação de alimentos e bebidas diversas, visando valorizar a socioagrobiodiversidade e a confraternização entre os participantes.

Em alusão as origens da criação do Projeto Café com Agroecologia pelo GAC encontramos citação de um dos idealizadores do projeto identificando a UFV como referência a criação desse projeto em Alagoas:

O projeto Café com Agroecologia é uma iniciativa do Grupo Agroecológico Craibeiras inspirada em projeto homônimo da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Este é construído a partir de encontros realizados mensalmente com o objetivo de debater diversas problemáticas e potencialidades pertinentes à Agroecologia e suas bandeiras de luta, como reforma agrária, segurança alimentar, diversidade e gênero, combate aos agrotóxicos, políticas públicas, violência no campo, dentre outras, evidenciando seu caráter inter e multidisciplinar. “O que é Agroecologia?”; “Economia Solidária e Incubação de Empreendimentos”; “Desafios da Agroecologia”; “Caravana Agroecológica e Cultural de Alagoas”; “Do Velho Chico às ocupações”; “Caminhos Regionais da Agroecologia”; “Etnobiologia e Etnoecologia”; “Agroecologia e Diversidade”; “Relações indígenas e quilombolas com Agroecologia” e “Mulheres na Agroecologia” foram alguns dos espaços que possibilitaram a ampliação da troca de experiências, saberes e sabores que partem de diferentes grupos, povos e movimentos sociais, demonstrando o êxito dessa experiência (SILVA et al., 2018).

Como orientação metodológica ao longo dos processos de formação dos componentes do GAC observou-se um aprofundamento do academicismo e uma certa desproporção nas atividades práticas do grupo. Para além da compreensão de como funcionava o meio rural alagoano, das correlações de forças existentes e das diversas bandeiras que os estudantes já carregavam, carecia-se de trabalhar essa formação do conhecimento de forma extensiva e prática. O diálogo com agricultores, com movimentos sociais, com lideranças e a compreensão da realidade *in locu* mostrou-se como desafio necessário para o grupo. A partir dessas necessidades surgem ideias, sendo que a mais exitosa se transformou num projeto denominado Teoria na Prática exatamente com o intuito de fazer com os estudantes “pusessem as mãos na massa”

A partir do momento em que o graduando durante sua “vida acadêmica” vivencia, se especializa e expande seu conhecimento em uma determinada área, se torna apto para compartilhar suas experiências com os demais, onde o ato da extensão proporciona ao mesmo o aperfeiçoamento de sua didática e de seu

pensamento crítico. Diante deste cenário, foi idealizado o projeto de extensão “Teoria na prática: Aliando a teoria da sala de aula à prática do dia-a-dia”, ação que possibilita aos estudantes de graduação da Universidade Federal de Alagoas expor e/ou aprimorar suas habilidades por meio da realização de minicursos e oficinas práticas (SILVA et al., 2018).

Segundo os mesmos autores, como resultado direto do trabalho, observou-se o aumento da segurança e da autonomia dos estudantes, o que contribuiu para a otimização das mais diversas aptidões e competências científicas. Ao total, mais de 150 indivíduos foram beneficiados pela extensão, dentre estudantes de nível infantil, médio e superior, professores e agricultores familiares da Reforma Agrária em Alagoas.

Outras discussões em torno do papel social da universidade e especificamente do grupo foram surgindo e ao passar do tempo foram se amadurecendo, sendo transformados em ideias e até mesmo em projetos com capacidade de execução. Podemos citar como exemplo o Projeto Semear, que foi executado observando diretamente a extensão universitária e o compromisso da Universidade enquanto ente social, buscando contribuir na resolução de indagações feitas outrora como para que e para quem serve a Universidade? Sobre esse projeto encontramos uma descrição direta de um dos autores do projeto:

O “Projeto Semear: Semeando conhecimento, colhendo esperança” proporciona uma experiência dentro da Universidade para crianças e adolescentes de escolas públicas e de projetos sociais do município de Rio Largo/AL e de cidades vizinhas. A programação é composta por brincadeiras, dinâmicas e visitas aos laboratórios e setores da instituição (CECA), que despertam o interesse sobre as ciências agroambientais, além de explicitar para os futuros vestibulandos os cursos de graduação instalados na unidade. A extensão assistiu cerca de 100 crianças e adolescentes, onde os mesmos se apresentaram mais entusiasmados com a possibilidade de ingressar em uma instituição de ensino superior público, sendo o projeto também uma ferramenta de desenvolvimento de futuros agentes transformadores de suas comunidades (SILVA et al., 2018).

Ao longo do tempo, sobre essas mesmas perspectivas das iniciativas anteriormente descritas, o GAC elencou e encampou diversas discussões contribuindo com o processo de formação contínua do movimento estudantil agroecológico.

Organizado enquanto grupo da FEAB, os membros do GAC organizaram em 2017 o XVI Encontro Regional de Agroecologia do Nordeste, e em 2018 o grupo organizado na FEAB Alagoas pleiteou e conseguiu o direito de organizar o 62º Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia - CONEA, e o XXIV Congresso Latino Americano e Caribenho de Entidades Estudantis de Agronomia - CLACEEA que ocorreram em setembro de 2019.

Foi durante o processo organizativo do ERA Nordeste 2017 que observou-se a necessidade de surgimento de um ambiente que pudesse publicar trabalhos acadêmicos pertinentes a discussão em torno da Agroecologia. A aprovação de mais de cem trabalhos no ERA 2017 materializou a ideia, que também contribuiu com a publicação de trabalhos que foram submetidos ao CONEA/CLACEEA, e aos Encontros de Estudos Agroambientais organizados no CECA e que aconteceram nos anos seguintes.

Sobre esse processo de construção histórica do GAC e suas capacidades de incidência na formação estudantil, percebe-se essas diferentes estratégias que de diferentes formas e níveis contribuíram não somente com transformações no campo pessoal dos indivíduos envolvidos, mas também interviu na lógica da disputa de narrativas do próprio CECA, intervindo assim na condução administrativa e política dos corpos docentes e administrativos, ocasionando diretamente conquistas que estão intrinsecamente ligadas a luta conduzida pelo movimento estudantil ao longo do tempo. Podemos observar essa percepção de alteração na dinâmica do CECA nos depoimentos dos entrevistados 3 e 8:

“O GAC foi até perseguido por alguns professores, mas também recebeu apoio de alguns poucos... Chegou um momento em que o GAC passou a fazer parte do conselho do CECA... Hoje o CECA tem um curso de Agroecologia, coisa que quando o GAC foi construído era praticamente impensado.” E3

...

“O grupo sempre encabeçou na Universidade os temas agroecologia e extensão rural. Se hoje temos um curso superior em Agroecologia, deve-se muito a militância de todos os integrantes que passaram pelo grupo até então”. (E8)

Acerca dessa observação final do entrevistado acima, trata-se de um acontecimento consideravelmente relevante e simbólico. Sob os ventos da expansão das pautas agroecológicas na academia, a UFAL se torna uma das primeiras universidades do país a referendar um curso a nível bacharelado em Agroecologia desde 31 de março de 2016, pela portaria de nº 1.387. Para além de uma conquista simbolicamente importante, esse fator se qualifica ainda mais, dada as condições do ambiente ideológico sempre reverso que antes prevalecia no CECA, não propiciando assim um ambiente auspício a construção de ideias até então modernas como se apresentava a Agroecologia.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizar discussões a respeito do movimento estudantil agroecológico é, na maioria das vezes, uma objeção, devido à dificuldade de encontrar trabalhos científicos com esta temática, por muitas vezes haver pouca importância por parte dos pesquisadores trabalharem esse contexto, dada a disponibilidade de poucas fontes para a realização de uma historiografia, tendo em vista que no geral existem algumas dificuldades na preservação desses arquivos, tendo como exemplo a União Nacional dos Estudantes – UNE que teve sua história apagada muitas vezes devido as sabotagens cotidianas, inclusive tendo sua sede queimada pelo regime militar.

Vale salientar que existe uma apreensão de publicar sobre esta temática devido ao fato disto representar estar quebrando um paradigma de falar sobre os interesses da classe dominante, estamos quebrando a falsa estabilidade na qual tentam ensinar. O GAC é um espaço de formação individual e coletiva que contraria o paradigma dominante, e falar dessa organização em trabalho acadêmico torna-se uma novidade e muitas vezes, como identificado, há uma repulsa por parte da opinião dominante no ambiente acadêmico sobre as pessoas que ousam pensar diferente, acontecendo até mesmo situações de perseguições e retaliações institucionais a estudantes das mais impensáveis e ilegais formas, como exemplifica o relato do entrevistado 3:

“Quando estudante de agronomia do CECA, fui membro do Centro Acadêmico, FEAB e DCE, tive embates com alguns professores e quando fui ingressar no mestrado tive problemas que só foi resolvido depois de dois meses de luta no conselho universitário - CONSUNI... O CONSUNI depois de se reunir por três sessões decidiu que houve mudança nas regras do edital de seleção que prejudicaram alguns concorrentes e deliberou que eu fosse matriculado imediatamente...” (Entrevistado3).

A coleta das narrativas proporciona o conhecimento e identificação de como se concebe a participação dos membros do GAC em diferentes espaços, nos anos 2000, ou seja, como era dada essa representação ou entrada efetiva dos discentes do CECA/UFAL no GAC.

O Entrevistado 1 expressa em seu relato a apresentação do ambiente vivenciado pelo grupo, bem como sua atuação. Como pode ser visto a seguir:

“O primeiro contato que eu tive com o GAC foi no 1º período do curso, os membros se apresentaram na sala de aula para os “calouros”, na primeira semana de aula”. (Entrevistado1)

A entrevistada 2, evidencia a importância desse primeiro contato com o grupo em sua fala:

“O meu conhecimento sobre a existência do GAC se deu no acolhimento dos calouros do curso de Agroecologia “. (Entrevistado2)

Diversas são as formas que entrelaçam o primeiro contato dos estudantes com o grupo como declarado pelo entrevistado, pois essa aproximação depende prioritariamente do histórico de vida e do que pretende o estudante iniciante. No caso do entrevistado 8, ele relata:

“Inicialmente, conheci o Sistema de produção PAIS (Produção Agroecológica Integrada e Sustentável) gerido pelo grupo, na qual tive interesse em contribuir e aprender com práticas que até então como jovem da cidade ainda não tinha familiaridade. No mesmo ano, ajudamos a construir o ato para reabertura do Restaurante Universitário do CECA, no qual o grupo encabeçou. Desde a ideologia em prol da agricultura familiar e extensão rural e a militância de forma geral chamou minha atenção e passei a integrar o grupo de maneira efetiva”. (Entrevistado8)

O acolhimento dos membros do GAC para com os alunos acontece sempre na primeira semana de aula, sendo a calourada uma forma na qual o estudante tem a oportunidade de conhecer o grupo e posteriormente participar das atividades desenvolvidas. O acolhimento aos estudantes respeitando a diversidade e a individualidade, despertam ainda mais o interesse de novos acadêmicos ao grupo que todo ano se renova. Os projetos de extensão desenvolvidos pelo GAC é algo bem visto e estimula os estudantes a querer participar, pois é uma oportunidade de troca de saberes entre os estudantes, professores, agricultores e demais pessoas que contribuem com o GAC.

Essa capacidade de aconchego e acolhimento as diferenças individuais e sociais presentes nos indivíduos que estão adentrando ao mundo acadêmico contribui bastante na aproximação e posterior adesão do estudante.

“Me levou a ter interesse o fato de o quadro de membros do GAC me representar socialmente, em aspectos de luta por um modelo de agricultura de base agroecológica, todos esses motivos somados a participação frequente do GAC em eventos me influenciaram a fazer parte dessa família”. (Entrevistado12)

Percebe-se que ultimamente a identificação de novas bandeiras pelo GAC tem ajudado na construção do grupo por estudantes que reivindicam essas bandeiras, validando assim o caráter amplo e dinâmico que engloba a Agroecologia. Indagadas sobre como se deu o processo de aproximação com o GAC, a entrevistada 6 e o entrevistado 9 responderam:

“Primeiramente a recepção que tive no grupo, a diversidade inclusa no mesmo e logo após, conheci a agroecologia e decidi ficar” (Entrevistado6)

...

“Pela igualdade das minorias, por agregar militâncias em prol dos excluídos” (Entrevistado9)

Essas bandeiras permeiam espaços, geralmente invisibilizados, na sociedade e por conseguinte na universidade. Trata-se de temáticas socialmente negligenciadas em seus mais diversos aspectos que enquanto apreciadas pelo GAC se apresentam como atrativo de identificação para os estudantes. Esses elementos aqui tratados podem envolver classe social, cor, etnia, gênero e sexualidade, ou simplesmente a identificação a modelos alternativos.

Depoimento contundente e importante do ponto de vista da atuação prática do GAC dentro da universidade e do grupo se apresentar como uma alternativa ao modelo de ensino dominante, atraindo assim aqueles estudantes com interesse por conhecimentos mais práticos do que especificamente técnico, parte do 1º entrevistado, a seguir:

“Eu ingressei no GAC no segundo período do curso, após o evento **PAIS: TECNOLOGIA SUSTENTÁVEL**, onde eu assisti as palestras, juntamente com alguns colegas, e ficamos fascinados com a implantação do PAIS na área do GAC. E entramos com esse intuito de poder aprender com a prática, entrar em contato com a “terra”. Esse foi o primeiro motivo que me levou a entrar no GAC, na época eu já tinha ideias semelhantes com as praticadas perpetuadas pelo GAC, como a importância da educação ambiental; a necessidade social, e até mesmo econômica, da reforma agrária; práticas sustentáveis na agronomia, mas eram ideias rasas, sem amadurecimento“. (Entrevistado1)

Observou-se nesse trabalho, que os membros do GAC se empenham sempre em participar e construir eventos que discutam temas que abordem as bandeiras levantadas pelo GAC, geralmente sempre em busca de qualificar suas respectivas formações. A exemplo, os membros do ano de 2008 realizaram o primeiro grande evento sobre agroecologia dentro do CECA/UFAL que foi o Encontro Regional de Agroecologia – ERA Nordeste, um evento que mostrou bastante visibilidade ao grupo com a mobilização de estudantes de todo Nordeste e foi uma grande oportunidade que os estudantes tiveram para conhecer o GAC e suas bandeiras, o

movimento estudantil agroecológico, além de proporcionar uma extensa troca de saberes e vivências entre os estudantes e demais participantes.

Outro espaço de disputa recentemente resgatado pelo GAC trata-se da organização dos estudantes em seus Centros Acadêmicos (C A ou C As) de curso. Compreendendo o C A como uma entidade representativa dos estudantes dos cursos do CECA/UFAL, assim como um espaço que possibilita a organização dos alunos para buscar melhorias e reivindicar seus direitos, havendo então assim uma ampliação das integrações, liberdade de expressão entre os estudantes na universidade. Os C As podem promover atividades sócio culturais nos âmbitos da academia e fora dela em prol de uma conscientização dos alunos em assuntos relacionados a consciência e participação política colaborativa e também sugerindo representatividade nos espaços de cidadania de forma igualitária.

Sobre esse aspecto, é visível a importância do GAC na organização dos estudantes do CECA em seus respectivos C As, em praticamente todos os cursos do CECA. A partir da retomada do C A 12 de Outubro do curso de Agronomia por estudantes que construíam o GAC, quase que a totalidade dos cursos do CECA passaram a ter estudantes se organizando em centros acadêmicos. Esse ponto de partida importante se referencia após 2015, a partir da organicidade do grupo que também através de seus membros ajudou a construir e dar vida aos Centros Acadêmicos de Agroecologia, Engenharia de Energias, Engenharia Florestal e Engenharia de Agrimensura. Mesmo cursos com organicidade estudantil historicamente inexistentes passaram a despertar a consciência da necessidade de se organizar, como foi no curso de Zootecnia.

Essa capacidade de incidência do GAC em diversas frentes e acarretando assim resultados indiretos inimagináveis decorre obviamente do empenho das pessoas que o constroem a partir das diversidades que as constituem.

O entrevistado 1 falando da influência do GAC, traz algo próximo ao que pode esclarecer a disseminação da ideia de organicidade dos estudantes:

“O GAC é fundamental para a Universidade, ele influencia de maneira positiva, quando eu iniciei no GAC, eu não tinha uma ideia ampla de sua importância, mas com o tempo amadureci as minhas ideias e entre elas eu comecei a enxergar o GAC não apenas como um grupo de alunos que estudam, perpetuam e praticam a agroecologia, mas como uma quebra no pragmatismo acadêmico. E isso é necessário, a Universidade muitas vezes tende a uma formação “fabricada” de profissionais e quando uma instituição que pode mostrar visões diferentes destes

profissionais, os alunos começam a enxergar que coisas alternativas existem e são possíveis.” (Entrevistado1)

Diversas podem ser as visões sobre o papel exercido pelo GAC na universidade, na vida de quem passa pelo grupo, na organização do movimento estudantil e na transformação social. Essa abordagem emana em parte das diferentes bandeiras encampadas pelo GAC e da pluralidade de ideias que constituem o grupo. Percebemos também, a importância da forma de abordagem, o acolhimento as diversidades e aos diferentes. Vejamos as falas de alguns entrevistados:

“Além de uma segunda família, o grupo é um local de constante desconstrução para mim, sempre aprendo algo novo e vejo pontos em que preciso melhorar”. (Entrevistado6)

...

“Algum dos desafios enfrentados pelo GAC é proporcionar aos estudantes um ambiente livre de preconceitos”. (Entrevistado9)

...

“O maior desafio é o preconceito por ser gay ou mulher, por não concordar com as formas de plantação sem uso do agrotóxico”. (Entrevistadoo5- quando perguntado sobre os desafios enfrentados pelo GAC)

A partir desses relatos, tratou-se de observar de diferentes ângulos a dinamicidade que envolve a pluralidade de ideias atreladas a militância do grupo na universidade. Ultimamente têm se mostrado como desafios fundamentais a inserção dos temas relacionados a raça e etnia, gênero e sexualidade, combate a preconceitos, e outros como pautas fundamentais de agregação dos estudantes que muitas vezes observam no GAC um ambiente acolhedor, se constituindo, como diz o entrevistado 5, num lugar de vários pensamentos que se unem por uma luta justa contra todo o tipo de discriminação e racismo.

“Os desafios enfrentados pelo GAC são muitos, dentre eles podemos citar a opressão por ser um grupo agroecológico e ter como integrantes pessoas de diversos gêneros, raças e classes sociais” (Entrevistado13)

Observa-se que essa contínua história de defesa das diversidades encampada pelo GAC foi construída sempre em meio à um ambiente antagônico em todos os quesitos. O modo de condução política da universidade, mais precisamente do CECA, as pautas sociais discutidas, a bandeiras levantadas e a forma de produção do conhecimento são somente alguns dos elementos historicamente contraditórios que sempre foram elementos divergentes as discussões e avanço do grupo enquanto MEA.

“...vencer a discriminação dos próprios colegas de curso, influenciados por um sistema de ensino tecnicista e para agricultura patronal, que veem com maus olhos e de maneira utópica a militância do grupo em prol da agricultura familiar e minorias no campo” (Entrevistado8)

...
 “O grupo é alvo de muito preconceito, tanto de alunos quanto de professores e servidores. Todo dia é uma luta constante, onde a gente se mantém firme nas lutas, em tentar mostrar a nossas crenças” (Entrevistado11)

Por outro lado, a organicidade dos estudantes e a capacidade de incidência do grupo levou a resultados e conquistas práticas nesse espaço de disputas de narrativas. A aparição de centros acadêmicos em todos os cursos, a conquista do curso graduação de Agroecologia, o curso de Agroecologia do PRONERA, as jornadas universitárias pela Reforma Agrária, as instâncias organizativas da FEAB e a escuta por parte dos dirigentes da Universidade as demandas dos estudantes se apresentam como conquistas irretroativas no contexto atual.

Partindo dessa capacidade de transformar culturalmente o indivíduo, o fazendo se questionar, questionar aos outros e buscar complexidade na compreensão do mundo acadêmico e dos agroecossistemas, o GAC, talvez até inconscientemente, estimule os indivíduos a confrontarem a estrutura social perversa que domina a sociedade, mais especificamente o meio agrário alagoano.

“O GAC foi o motivo para eu acreditar ainda mais na agroecologia, no grupo me sinto bem, me sinto feliz”. (Entrevistado11)

...
 “O GAC foi uma etapa essencial da minha vida, cada ano que convivi e aprendi lições dentro do grupo, são valiosos. Principalmente as lições que transpõe a agroecologia em si, mas que apontam a direção do respeito ao próximo e do poder da convivência. O GAC ajudou a formar meu caráter, a extinguir preconceitos e diluir um antigo modo de ver o mundo” (Entrevistado1)

...
 “Foi uma experiência única, de conhecer pessoas que tem o mesmo ideal e que abraçam a mesma causa. “(Entrevistado10)

Para dentro da própria discussão em torno da Agroecologia, os estudantes egressos demonstraram em suas entrevistas a dinamicidade do quanto a Agroecologia é diversa, e exige do profissional no campo uma formação qualificada e com campo de visão ampliado. Para além do tecnicismo da reprodução do conhecimento geralmente resumido às técnicas metódicas específicas, o egresso que passou pelo GAC demonstra ter alta capacidade de questionar. Em sua fala, o entrevistado 7 demonstra essa capacidade de questionamento até mesmo em termos conceituais da Agroecologia:

“Na Agroecologia, essa discussão de conceitos é complexa. O que seria uma experiência agroecológica? Plantar? Visitar um agricultor? Entender de fisiologia vegetal? Ir a um evento? Escutar uma música? Cultivar um SAF? Acho que a minha melhor experiência foi passar a ver os espaços de maneira plural”. (Entrevstado7)

Sobre a dispersão dos egressos identificamos indivíduos atuando profissionalmente em diversas frentes profissionais, sobretudo a maioria como agentes de ATER que trabalham diretamente com agricultores familiares e movimentos sociais. Também identificamos outras categorias como professores universitários e profissionais que atuam para empresas particulares. No entanto, o que se observa com naturalidade entre os egressos é a perspectiva que esses trabalhadores carregam em suas atuações profissionais, alguns deles atuando mesmo de forma militante e ideológica até o ponto que lhes cabe, os fazendo assim diferenciar-se de uma forma bem específica. Essa especificidade está na carga de acúmulo de conhecimento e de capacidade de reflexão adquirida ao longo da formação propiciada em parte pela vivência em torno do GAC.

“...antes eu achava que a produção científica era o caminho para mostrar a importância da agroecologia nas práticas rurais e para sociedade, como uma "propaganda da "seriedade" da agroecologia, tentar conquistar os acadêmicos no seu território, a ciência. Mas com o tempo eu comecei a enxergar de maneira diferente, o alvo não é convencer os acadêmicos pragmáticos que dificilmente serão convencidos do contrário, do que eles praticam a décadas dentro da Universidade, e sim através da reeducação do povo fora da Universidade, mostrar para a sociedade que a agroecologia é necessária para uma real mudança social e econômica, mostrar para os novos alunos e para os agricultores, através da militância, dentro e fora do campus. Buscando a realização de eventos, cursos práticos, dias de campo, feiras da reforma agrária, chamando a sociedade, os agricultores e a comunidade acadêmica para participar”. (Entrevstado1)

Em seus relatos, os entrevistados 5 e 12 demonstram em suas entrevistas, experiências pessoais exitosas dentro e fora da academia, que foram frutos do processo de formação acadêmica e contínua do GAC, intervindo até mesmo na formação cívica desses indivíduos:

“O GAC foi uma etapa essencial da minha vida, cada ano que convivi e aprendi lições dentro do grupo são valiosos. Principalmente as lições que transpõe a agroecologia em si, mas que apontam a direção do respeito ao próximo e do poder da convivência. O GAC ajudou a formar meu caráter, a extinguir preconceitos e diluir um antigo modo de ver o mundo”. (Entrevistado5)

...

“O GAC garante ao universitário autorreconhecimento em diversas situações no decorrer da graduação. Eu sou um grande exemplo dessa influência” (Entrevistado12)

O entrevistado 1 também exalta a capacidade do GAC em transformar as pessoas a partir das ideias, e por conseguinte, as pessoas ajudarem a transformar a sociedade a partir dos seus campos de atuação.

“O GAC conquistou muita coisa, acho que só pelo fato de estar vivo e ativo após todos esses anos já é uma vitória, principalmente por se encontrar dentro do CECA, onde a academia é firmada com os setores que oprimem durante séculos o campo, e por consequência a sociedade. A visibilidade dentro e fora da UFAL e a participação nas atividades do campus estão marcando a história do GAC, e hoje o GAC já faz parte da história da UFAL.

Mas, uma grande conquista do GAC é a formação pessoal dos seus membros, transformar pessoas, tocá-las para pontos importantes da sociedade que precisam ser tocados, e quando expõe isso nos eventos a outras pessoas fora do GAC, que estão participando, e abrem seus olhos, elas viram multiplicadores”.
(Entrevistado1).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as observações e afirmações feitas pelos entrevistados, percebe-se uma capacidade de transformação oriunda do contínuo processo formativo e de convivência construído, e proporcionado pelo GAC aos seus membros. A partir desses relatos pode-se afirmar então, que a atuação do Grupo Agroecológico Craibeiras se faz presente nos campos da transformação social pela sua contínua atuação enquanto grupo em seu campo de incidência, que é a Universidade. Mas, para além dessas considerações, é fundamental compreender a capacidade de transformação individual de pessoas, as transformando em agentes de transformação social e disseminadoras de valores fundamentais ao bem viver.

Atualmente o GAC é compreendido como uma organização fruto de uma história e um legado de estudantes que optaram por divergir do conhecimento dominante, combater preconceitos, buscar formas alternativas de disseminar ideias e priorizaram por não trilhar o caminho da obriedade. Mesmo com todo o enfretamento cotidiano sua presença traz outras perspectivas num ambiente conservador como o CECA. O GAC evoluiu junto com a Agroecologia, seja nos estudos teóricos, na disputa política, na prática agrícola, na disputa de pensamentos, no acolhimento aos diferentes, nos debates de pautas atuais como LGBTQI+, feminismo, raça e etc. Para além de importante, o GAC é extremamente necessário, seja pelo aspecto acadêmico ou social, mas principalmente por se reconhecer como um espaço de auto reconhecimento e afirmação de pessoas com diversas e justas causas.

Para quem compõe e compôs os quadros do GAC, a partir de suas bandeiras identitárias, esse grupo consegue abrir perspectivas dentro do meio agrário para os estudantes que não se familiarizam com a agricultura convencional, sustentado em pilares fundamentais para formação acadêmica e profissional e toda essa formação se expande para a sociedade através desses sujeitos.

O GAC se apresentou como uma etapa essencial da vida acadêmica, proporcionando-os valiosas lições. Sobretudo, a formação que ao mesmo tempo abarca e também transpõe a agroecologia, aponta a direção do respeito ao próximo e do poder da convivência. Assim, o GAC se consolida como formador de caráter, levando o estudante a extinguir preconceitos e para diluir um antigo modo de ver o mundo.

“Acima de formador de ‘agroecologistas’ o GAC forma novas pessoas” - *Tassio Duda*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R.N. B. - **Características da agricultura indígena e sua influência na produção familiar da Amazônia** – Embrapa Amazônia Oriental, Belém, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEZERRA, M.R.: **O movimento estudantil como espaço de formação do educando para cidadania: experiências e opiniões de docentes do CAMEAM/UERN**. FIPED – 2014
- CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: Enfoque científico e estratégico. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v.3, n.2, 2002.
- FAGUNDES, A.N.G.N. - **Agroecologia - histórico e perspectivas - Cartilha Preparatória ao 53º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia – CONEA -2010**
- FARGNOLI, A.C.; ALESSANDER, V.W.F. - **A trajetória do movimento estudantil na construção da agroecologia** - Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Fortaleza/CE, 2011.
- FEAB – Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil - **Cartilha Preparatória ao 53º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia – CONEA –FEAB 2011**
- FEAB, Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil. **A formação profissional do engenheiro agrônomo no âmbito da agricultura familiar**. In: 57º Congresso Nacional dos Estudantes de Agronomia, Curitiba: FEAB, 2014a.
- GLIESMANN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2 ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.
- IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA -**Análise da concepção da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – 2017**
- JUNIOR, P.P.; PEREIRA, A.J.; SANTANA, F.C.; SANTOS, L.F.; CARMO, D.L.; PRIORE, S.E.; CASALI, V.W.D. - **Café com Agroecologia: integrando conhecimento - Revista ELO – Diálogos em extensão**, vol. 6, num3, 2017.
- LONDRES, Flavia; MONTEIRO, Denis. **Pra que a vida nos dê Flor e Frutos - Notas sobre a trajetória do Movimento Agroecológico no Brasil - “A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil – Uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável”**, IPEA, 2017.
- MESQUITA, M.R. - **Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais - Revista Crítica de Ciências Sociais**, 66, Outubro 2000

PETERSEN, P.; ALMEIDA, S. G.: **Rincões transformadores: trajetória e desafios do movimento agroecológico brasileiro** – uma perspectiva a partir da Rede PTA. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2006.

PNAPO – **Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica** - <http://www.agroecologia.gov.br/politica>. Acesso em: 04/07/2020.

RAMOS, R. F.; MACHADO, J. T. M.; TONIN, J.; SOBUCKI, L.; BETEMPS, D. L. Agroecologia e extensão: o movimento estudantil em defesa de uma nova agronomia. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 8, n. 3, p. 135-142, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/4779/pdf> >

SAMBUICHI *et al* - **Análise da concepção da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica** - A Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica no Brasil – PNAPO, 2017

SAMPAIO, L.V.A.; SILVA, C.S.; LIMA, J.R.B.; SOUSA, L.C.C.; MOURA, R.O.; SILVA, J.O.L.; LIMA, A.K.X.; SILVA, A.K.; SILVA, N.B.; SANTOS, E.L.S.; SANTOS, G.M.C.; SILVA, J.A.N. - **Grupo Agroecológico Craibeiras: uma história de luta pela Agroecologia no estado de Alagoas** - Agroecologia: debates sobre a sustentabilidade - Atena Editora, 2019.

SANTOS, J. S. - **Abordagens teóricas sobre Agroecologia e Povos Indígenas no Brasil**, UFAL, 2018

SILVA, C. S.; LIMA, J.R.B.I.; LIMA, A.K.X; SOUSA, L.C.C.; MOURA, R.O; SANTOS, E.L.S; SANTOS, G.M.C.; SILVA, J.O.L.; SILVA, A.K.S.; SILVA,. N.B. Grupo Agroecológico Craibeiras: Uma história de luta pela Agroecologia no Estado de Alagoas, Brasil - Encontro Regional de Estudos Agroambientais Responsabilidade Socioambiental da Pesquisa Científica, CECA-UFAL - **Revista Craibeiras de Agroecologia**, Rio Largo, v. 3, n. 1, 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 - JORNAL INFORMATIVO DO PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO DO GAC



EDITORIAL

O Grupo Agroecológico Craibeiras - GAC é um grupo de estudantes preocupados com os desastres sociais e ambientais, ocasionados pelo atual modelo agrícola/agrário, que visa a construção de um novo modelo, "enraizado" na agroecologia e assim contribuir para o equilíbrio do meio ambiente, melhoria da qualidade de vida e principalmente para a formação de uma nova sociedade - justa, fraterna e igualitária". Foi esta a definição construída ao término da plenária final do nosso I Seminário agroecológico, realizado nos dias 29 e 30 de novembro de 2003.

Este grupo surgiu há um ano, a partir da necessidade de se estudar e difundir a agroecologia na universidade, já que o atual sistema curricular pouco leva em consideração esta ciência. Hoje, o GAC encontra-se legalizado perante o Colegiado do Curso de Agronomia e aguarda apenas a portaria de oficialização. Temos também uma equipe de professores orientadores, estando a Prof. Leira (fruticultura) como representante dessa equipe, para a realização das futuras atividades agroecológicas que serão implantadas no CECA. Agora, lançamos a primeira edição do nosso jornal como forma de deixar os alunos do CECA informados sobre este relevante tema e ao mesmo tempo inauguraremos a nossa sede. Desde já, convidamos todos os alunos interessados em construir uma agricultura verdadeiramente sustentável e independente que é a agroecologia, a juntarem-se a nós nesta luta. As nossas reuniões acontecem todas as quintas-feiras, às 17:30 hs, no bloco 7 em frente à Biblioteca Central, 1º andar, primeira sala ao lado do GFOCINFNCIA.

HISTÓRICO DO GAC

No ano de 2000, alguns estudantes de agronomia da Universidade Federal de Alagoas, viajaram para o Encontro Regional de Agricultura Alternativa - ERAA realizado na Universidade Federal do Ceará em Fortaleza, após esse encontro, reiniciou-se dentro do Centro de Ciências Agrárias/UFAL, uma discussão antiga sobre o atual modelo de agricultura vigente no Brasil e principalmente no Estado de Alagoas - analisando-



Abertura do Seminário

se estrutura técnica e política, suas características, os principais interessados e os maiores beneficiários. Em 2002, alguns estudantes de agronomia, tiveram uma iniciativa de formar no CECA/UFAL um grupo de agroecologia, para tanto, iniciaram um ciclo de palestras com alguns professores do centro, onde contaram com um público estudantil de aproximadamente 50 estudantes dos cursos de agronomia e zootecnia. Após 30 dias de discussões periódicas, um grupo de estudantes do CECA reuniram-se para compor o grupo agroecológico. No mês de junho de 2002, oito estudantes membros do grupo e dois técnicos da organização não-governamental Movimento Minha Terra do Estado de Alagoas, participaram do VII Encontro Regional de Agroecologia - ERA, realizado em Areias/PB na Universidade Federal da Paraíba. De volta à Universidade, houve uma tentativa sem sucesso de dar consistência ao então grupo agroecológico e lê foi desfeito.

Passado aproximadamente um ano, mantinha-se ainda uma chama acesa dentro do CECA/UFAL da necessidade de um grupo agroecológico. E então, houve novamente uma rearticulação que resultou em várias reuniões com estudantes dos cursos de Agronomia, Zootecnia e da Pós-graduação. A partir das reuniões com

esses estudantes, foi construído para os dias 29 e 30 de novembro de 2003, no Centro de Ciências da Saúde-CSAU, da UFAL, no mesmo período do Congresso do DCE-CONDCE, a realização do I Seminário sobre Agroecologia: 'Uma perspectiva para o Desenvolvimento Local Sustentável'. Na abertura desse seminário estiveram presentes: o Diretor do



Encerramento do seminário

CECA/UFAL, um representante do MST/AL, um representante do MMT, um representante do SINTUFAL, um representante da FEAB e um representante do DCE/UFAL (foto). Desde então, após a formulação e aprovação da Carta Princípio na plenária final do seminário, estava formado e estruturado o Grupo Agroecológico Craibeiras CECA/UFAL (foto), com o lema: *Nascemos para Construir*. O grupo se organizou em cinco comissões: Organização, Práticas e Pesquisas; Secretaria; Comunicação, Divulgação e Eventos; e Finanças. Os alunos de Agronomia que participaram do seminário e comporam as comissões foram: Thercio Vieira-4ºano, Adriano Jorge-3ºano, Marcilio-2ºano, Rosângela-1ºano, Cícero Adriano (Havião)-Pós-graduando, Gilcilene-1ºano, Thiago-1ºano, Vanderley-5ºano, Valquíria-1ºano, Quitéria-1ºano, Taciana-1ºano, Erika-1ºano, Sandoval-3ºano, Agnus-2ºano, Valdevan Rosendo-Pós-graduando, Patrícia-1ºano, Alice-1ºano, Wanessa-1ºano, Hully-1ºano, Eliane-1ºano, Nelson-1ºano, Iralide-4ºano e Janúbia-1ºano.

ANEXO 2 - QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA

1

NOME:

IDADE:

SEXO:

Auto declaração (COR/ETNIA) :

Orientação Sexual:

CURSO: Agronomia

1. Como se deu seu conhecimento sobre a existência do grupo agroecológico craibeiras?
2. Quais motivos lhe levaram a ter interesse pelo grupo? Esses motivos lhe influenciaram a ser integrante do grupo?
3. Na sua concepção como o grupo influencia na universidade?
4. Quais são os desafios enfrentados pelo grupo na academia?
5. Qual foi a melhor experiência agroecológica que o grupo lhe proporcionou?
6. Você milita por algum movimento social?
7. Já sofreu algum tipo de discriminação por ser membro do grupo ou por defender a agroecologia?
8. O que foi conquistado pelo grupo em todos esses anos?
9. O que foi/é o grupo agroecológico pra você?
10. O que ainda deve ser conquistado pelo grupo?

ANEXO 3 - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO UTILIZADO NA PESQUISA

2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)

Tendo sido convidado (a) a participar como voluntário (a) do estudo GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS, recebi da Sra. Luciana Vanessa Anselmo Sampaio, responsável por sua execução, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

§ Que o estudo se destina ao resgate histórico do Grupo Agroecológico Craibeiras, quanto as suas representações desde a sua criação até os dias atuais, no combate as opressões sofridas pelas minorias que compõe o grupo no Centro de Ciências Agrárias-UFAL a de disponibilizar informações sobre como e o porquê surgiu o grupo, como foi o processo ao longo dos anos e de coletar dados específicos sobre o impacto e a resistência dos integrantes na luta pela agroecologia.

§ Que os resultados e benefícios que se desejam alcançar são os seguintes: ter acesso ao processo de entrada dos integrantes, os motivos que levaram eles a terem interesse e a defenderem a agroecologia, mostrar a composição e a diversidade do grupo enquanto minorias, relatar casos de opressões sofridos pelo grupo agroecológico por colocar a agroecologia como principal pauta da sua luta.

§ Que esse estudo **começará em novembro de 2018 e terminará em dezembro de 2020.**

§ Que eu participarei das seguintes etapas: **resposta às perguntas do questionário.**

§ Que os benefícios ao participante são: conseguir acesso sobre a trajetória do grupo e diversidade dos componentes.

§ **Os riscos previstos a minha participação estão relacionados a divulgação das informações obtidas durante as entrevistas. Para evitar esse fato, a identificação poderá ser realizada por meio de numeração, evitando a identificação dos entrevistados, bem como poderá não haver publicação da identificação dos participantes da pesquisa.**

§ Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo.

§ Que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo.

3

§ Que as informações conseguidas através da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto ao responsável pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto:

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

ANEXO 4 FOTOGRAFIAS SOBRE A TRAJETORIA DO GAC



Foto 01: Primeiras reuniões do GAC, em 2003
Fonte: Acervo do GAC



Foto 02: Mesa de abertura do I Seminário de Agroecologia: I Seminário Agroecológico “Uma Perspectiva para o Desenvolvimento Local Sustentável”, em 29.11.2003.
Fonte: Acervo do GAC



Foto 03: Primeiras reuniões do GAC, em 29.11.2003
Fonte: Acervo do GAC



Foto 04: Leitura da Carta de Princípios do GAC, em 30.11.2003.
Fonte: Acervo do GAC



Foto 05: Visita técnica à Aldeia Verde, em 2004

Fonte: Acervo do GAC



Foto 06: Plantio da árvore símbolo: Craibeiras, na 1ª Calourada, em 2004.

Fonte: Acervo do GAC



Foto 07: Equipe do GAC no Trote Verde, em 2004

Fonte: Acervo do GAC



Foto 08: Cartaz reivindicatório produzido pela UNE, com o lema basta de perseguição, em 2004.

Fonte: Acervo do GAC



Foto 09: Material de divulgação do Projeto Café com Agroecologia, em 2016
 Fonte: Acervo do GAC



Foto 10: Material de divulgação do Projeto Semear, em 2016.
 Fonte: Acervo do GAC



Foto 11: Material decorativo do Projeto café com Agroecologia, em 2017.
Fonte: Acervo do GAC



Foto 12: Edição do Café com Agroecologia realizado na Feira da Reforma Agrária do MST, em 2017.
Fonte: Acervo do GAC



Foto 13: Visita do público infantil ao CECA pelo Projeto Semear, em 2016.
Fonte: Acervo do GAC



Foto 14: Visita de campo do público do Projeto Semear, em 2016.
Fonte: Acervo do GAC



Foto 15: Comissão organizadora do XVI Encontro Regional de Agroecologia do Nordeste, em abril de 2017.

Fonte: Acervo do GAC



Foto 16: Representantes do GAC na ocupação da Reitoria da UFAL contra o corte de gastos para a educação pelo Governo Federal, em 2018

Fonte: Acervo do GAC



Foto 17: Bandeira do GAC, hasteada no CECA/UFAL, em 2018
Fonte: Acervo do GAC



Foto 18: Comissão organizadora do 62º Congresso Nacional de Estudantes de Agronomia, em 2019
Fonte: Acervo do GAC